

## SEMIOLOGIA E DISCURSO

<sup>1</sup>Raquel Basílio Cunha Dias de Melo (UFPB)  
raquel.basilio@gmail.com

<sup>2</sup>Anielle Andrade de Sousa (UFPB)  
anielleandrade@hotmail.com

### Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados preliminares da pesquisa PIBIC-CNPq inserida no projeto intitulado *Descrição e análise crítica dos documentos saussurianos. Linguagem, língua e fala na reflexão de Saussure* que nasce dos estudos em torno do conjunto do pensamento saussuriano inaugurado na década de 1950 com a publicação dos manuscritos (Godel, 1953). Nosso objetivo centra-se na compreensão das categorias análise e noções teóricas apresentadas por Saussure concernente ao discurso verbal e a produção de sentido/significação que possam ser recuperadas e mobilizadas em função de uma melhor compreensão das formas de produção do sentido em manifestações discursivas. Desse modo, o levantamento e sistematização das noções teórico-metodológicas da obra de F. de Saussure constitui-se parte essencial do projeto de pesquisa, que possibilitará futuras análises produções linguísticas-discursivas. Este trabalho visa, portanto, expor uma análise semiológica da perspectiva atual de (re)leitura da reflexão saussuriana a partir de um estudo comparativo dos seus textos publicados em vida, a edição de 1916 que inaugura a Linguística como ciência o *Curso de Linguística Geral* e os manuscritos do professor publicados a partir da década de 60 os *Escritos de Linguística Geral*. O trabalho é dedicado ao trabalho de demarcar as relações que se estabelecem nos textos saussurianos dos signos linguagem, língua, fala (discurso e faculdade de linguagem) e determinar o valor de cada um dos termos em comparação sistêmica, constituindo-se uma pesquisa que expõe o método semiológico que dá origem aos estudos semióticos na Europa (Gremais, 1972; Rastier, 1974). O problema central a que se dedica o artigo é como pode ser definido o discurso na teoria saussuriana. Os resultados preliminares apontam para uma concepção de discurso baseada na dualidade constitutiva das relações associativas e sintagmáticas. Tais conclusões permitem compreender o estatuto da Semiologia a partir da noção de linguagem e discursividade no centro da teoria do signo saussuriano.

### 1. Da dupla essência da linguagem

Muitos conceitos estão implícitos na reflexão saussuriana e o conceito de discurso não é exceção. Tentar definir o que é o discurso na perspectiva de Saussure é o principal objetivo do presente trabalho e essas questões sobre o discurso em Saussure sugeriram das discussões no projeto de pesquisa PIBIC-CNPq *Descrição e análise crítica dos documentos saussurianos. Linguagem, língua e fala na reflexão de Saussure* que parte da dificuldade de leitura em torno da concepção de linguagem presente na reflexão de Saussure, que ainda é vista por meio de uma nebulosa entre os debates mais respeitados dentro da linguística atual (KYHENG, 2007).

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do DLCV/UFPB

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras da UFPB – PIBIC/CNPq. N° 138824/2014-2

A leitura realizada pela linguística ao longo de décadas do pensamento do professor genebrino ficou evidentemente fragmentada após o trabalho inaugural realizado por Robert Godel, *Les sources manuscrites Du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand Saussure* (1969). Trabalho este que inaugura um campo de estudos importante dentro dos estudos linguísticos atuais.

A descoberta dos manuscritos saussurianos permitiu aos leitores da obra saussuriana, que tiveram contato apenas com a edição de 1916, refazer a pergunta crucial, já feita por Benveniste (1963:34): “O que foi que Saussure trouxe à linguística do seu tempo, e em que agiu sobre a nossa?” A resposta talvez implique necessariamente na construção de um referencial teórico-metodológico para descrição e análise crítica dos escritos deixados por Saussure e dos diversos textos dos seus comentadores.

Hoje, como já disse Émile Benveniste em 1963, - seis anos antes da publicação de Godel -, vemos F. de Saussure de um ponto de vista diferente dos seus contemporâneos que leram o *Mémoire sur Le système primitif des voyelles dans langues indo-europeia* (1879) e estavam mergulhados nas questões que motivaram a reflexão saussuriana, como por exemplo, o embate entre os linguistas comparatistas que vinham de uma respeitada tradição e os jovens neogramáticos que discutiam a necessidade de um novo ponto de vista para os estudos da linguagem.

Os diversos trabalhos que se ocupam da leitura dos documentos saussurianos consolidam o campo de estudos inaugurado Godel (1969). A edição crítica de Rudolf Engler (1968 e 1974), além de obras realizadas por Tullio de Mauro, Claudine Normand, Amacker, Jäger e Wunderli são exemplos da fertilidade do campo. Trabalhos mais recentes foram realizados por Johannes Fehr: *Linguistik und Semiologie* (1997) e *Saussure: cours, publications, manuscrits, lettres et documents: les contours de l'oeuvre posthume et ses rapports avec l'oeuvre publiée* (1996), Yong-Ho Choi, *Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure* (2002), Michel Arrivé, *Em busca de Ferdinand Saussure* (2010), além de cerca de 20 obras em que o autor discute sobre a reflexão saussuriana. Ainda citamos Jean-Paul Bronckart, Cristian Bota e Ecaterina Bulea: *Le projet de Ferdinand de Saussure* (2010), entre outros que se dedicam à releitura da reflexão do professor.

Este trabalho tem evidenciado que algumas das críticas, anteriormente dirigidas a Saussure devem ser redirecionadas aos rumos que o Estruturalismo teve a partir de leituras isoladas do pensamento saussuriano, dialético e em constante evolução e reformulação.

A natureza fragmentária e diversa dos documentos saussurianos nos impõe a necessidade de compreender o impressionante trabalho empírico anterior sobre a comparação de diversas línguas distribuídas no espaço e no tempo. Esse trabalho realizado por F. de Saussure evidencia a importância de reler a reflexão do professor como fruto de uma constante pesquisa sobre a permanência das mudanças que atingem seu sistema conceitual.

Podemos dizer, sem reservas, que as teorias do campo da linguagem se desenvolvem desde século passado a partir ou por meio de um diálogo constante com Saussure, ou mais precisamente, com o *Curso de Linguística Geral* (1916). Algumas vezes uma conversa amena, outras vezes um debate furioso, mas sempre esse diálogo está implícito ou explícito nas teses e teorias sobre a linguagem humana. Durante este longo diálogo, que arrasta-se por um século, alguns pontos da teoria parecem se perder em meio às diferentes leituras feitas da edição de 1916. Entre elas a concepção sobre a teoria saussuriana ser fundamentada em conceitos dicotômicos. Em nossa pesquisa

compreendemos que Saussure não entendia sua teoria a partir de dicotomias e sim de dualidades.

A dualidade é uma constante sob a qual Saussure constitui o sistema de língua, ou melhor, é a própria essência da linguagem e, ao mesmo tempo, é o mecanismo de funcionamento do sistema. A língua, para Saussure, está baseada em pares dialéticos que funcionam em perfeita harmonia uns com os outros. Vejamos alguns aspectos em que a essência dupla da linguagem se apresenta como ponto de vista privilegiado para a compreensão do conceito de discurso observado na reflexão saussuriana.

Tentaremos cooperar para a compreensão das dualidades saussurianas vistas como pares dialéticos, a partir da Linguística da Língua e Linguística da Fala conforme se apresenta na edição de 1916, lugar onde esta distinção foi palco de diversos estudos linguísticos denominados estruturalistas.

Saussure nos diz que “a fala só opera sobre um estado de língua” (SAUSSURE, 1996, 105), a partir dessa afirmação podemos nos questionar qual a natureza da relação língua e fala e sobre suas especificidades.

Primeiramente falaremos da separação entre estes dois fenômenos dentro do quadro epistemológico saussuriano. Sobre a separação entre língua e fala no sistema, o que ficou indelével na mente dos leitores é a frase do texto de 1916: “Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental” (SAUSSURE, 1996, p. 22). No capítulo IV da Introdução do *Curso de Linguística Geral* (1996), a fala é reconhecidamente o objeto parcial da linguística, compondo a segunda parte do título: “Linguística da língua e Linguística da fala”. Nesse capítulo, Saussure mostra que a linguagem comporta uma dualidade. Em nenhum momento percebemos a presença de uma dicotomia entre os termos na teoria saussuriana da linguagem. O professor genebrino Saussure explica que a fala é o objeto da linguística, mas ela é secundária. Vejamos nas palavras do autor:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objetivo a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica. (SAUSSURE, 1996, p. 27)

Observamos na citação acima, que ao lado da Linguística da língua está a Linguística da fala. A Linguística da fala aparece secundária, mas indispensável. Sendo assim, entendemos que a fala não é apenas o objeto da Linguística da fala, mas que ela ao lado da língua, faz parte da dualidade do objeto que compõe a ciência da Linguística inaugurada por Saussure. As duas coisas se complementam e esses dois objetos são inseparáveis. Lemos isso claramente no *Curso de Linguística Geral* (1996): “Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta” (p.27). Sendo a língua o instrumento e produto da fala, então, elas se complementam e uma se faz indispensável à outra. São duas coisas que estão unidas e essa relação dual compõe o objeto da linguística. Língua e fala são duas faces do mesmo fenômeno e não uma dicotomia. São pares dialéticos, complementares e não dicotômicos. Veremos mais adiante como podemos pensar sobre o discursivo na teoria saussuriana, adotando o ponto de vista das dualidades que caracterizam a linguagem, mas antes, iremos expor dois pontos de vista de linguistas renomados acerca dos termos língua e fala em Saussure.

## 2. Língua e fala: diálogos

Entre muitos trabalhos importantes realizados acerca do tema, citamos os trabalhos de Simon Bouquet e o de Michel Arrivé, que nos guiarão neste artigo, pois o diálogo estabelecido entre esses dois linguistas permite-nos entrever a árdua querela que envolve os conceitos saussurianos e seus impactos para a linguística atual. Partiremos desses trabalhos de releitura para discutirmos, resumidamente, o nosso problema central: o que é, ou como pode ser definido o “discurso” na teoria saussuriana.

Na obra *Introdução à leitura de Saussure* (2004) Simon Bouquet discute, em especial, os aspectos filosóficos metafísicos ligados à reflexão saussuriana. Para o autor, a teoria saussuriana é baseada em conceitos primitivos do ponto de vista de uma metafísica tradicional. Esses conceitos de valor primitivo como: “espírito”, “pensamento”, “língua” e “signo” podem ser mencionados. A perspectiva metafísica não é mencionada por Saussure, mas é, segundo Bouquet, uma perspectiva implícita na teoria da linguagem. Neste percurso o autor apresenta uma leitura pormenorizada dos manuscritos saussurianos, bem como dos cadernos dos alunos de Saussure em Genebra, em que diversos aspectos conceituais são redefinidos.

As análises interpretativas que Bouquet realiza parte de um *corpus* composto dos documentos publicados no *Cours de linguistique générale* (edição crítica) e nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*. O autor não inclui no seu *corpus* o *Curso de Linguística Geral* (1916), obra organizada por Bally e Sechehaye e atribuído a Ferdinand de Saussure, pois para ele o Curso oferece um reflexo deformado do pensamento saussuriano. Bouquet afirma que os redatores homogeneízam uma teoria que é sujeita a ambiguidades como, por exemplo, a teoria do arbitrário ou a teoria do valor. Deste modo, o autor procura se utilizar apenas da leitura dos textos originais, livres da influência do curso.

Ao falar da teoria sintagmática do valor de Ferdinand de Saussure, Bouquet afirma que os termos fala, discurso e sintagma possuem sentidos idênticos. Em sua leitura o autor expõe que nesses textos está claro que Saussure deixou como não resolvida as questões da esfera da língua e da fala. Saussure afirma que toda frase é um sintagma e que todo sintagma pertence à fala, mas mesmo nos fatos que pertencem à língua, há sintagmas. O professor genebrino Saussure conclui: “No sintagma, ponto delicado: a separação entre língua e fala” (SAUSSURE, *apud.* BOUQUET, 2004, p. 273).

A fala recobre duas acepções: de um lado designa essa execução enquanto algo que compõe uma pluralidade de signos. Tomando a segunda acepção, o conceito de “fala” deve ser considerado como um conceito metafísico correlativo do conceito de “língua”. Deste modo, o conceito metafísico de “língua”, repercute sobre a noção metafísica de “linguagem”, em outras palavras, uma linguagem que reflete o ato de falar.

Bouquet chama atenção do leitor para duas dificuldades ligadas ao conceito de “fala”. De um lado, os dois sentidos de fala não são claramente diferenciados, pois de um ponto de vista metafísico o mesmo termo se refere a um fato fonológico e a um fato lógico-gramatical. De outro lado, o sentido lógico-gramatical é destinado a não suportar a oposição ao conceito de “língua” aplicado a um “tesouro de signos” (SAUSSURE, *apud.* BOUQUET, 2004, p. 275).

Desse modo, desde que se considere a fala como uma combinação de signos- como uma sintagmação -, podemos criticar uma leitura que opere a separação entre

língua e fala. O autor conclui que no segundo curso ministrado por Saussure em Genebra (1908-1909), o discursivo é assimilado ao sintagmático, quando o professor, depois de ter afirmado que o que compõe um estado de língua “remete à teoria dos sintagmas e à teoria das associações” (BOUQUET, 2004, p. 280) e acrescenta: “Podemos juntar, jogando um pouco com as palavras, o discursivo e intuitivo: elas se opõem como sintagmático e associativo (se *intuitif*= *intueri*), contemplar platonicamente, sem fazer uso no discurso” (BOUQUET, 2004, p. 280). O discurso (ou fala) é, portanto, o sintagma. O autor afirma que o sintagma pertence à fala e conseqüentemente também à língua, evidenciando que Saussure não colocou em segundo lugar o termo fala em sua teoria, como discutimos na introdução deste artigo.

Focalizemos agora nossa atenção no outro polo deste diálogo. Michel Arrivé inicia um estudo sobre a fala, discurso e faculdade da linguagem na teoria saussuriana, pensando de modo diferente ao de Bouquet sobre o problema do lugar atribuído por Saussure à fala.

Em seu livro *Em busca de Saussure* (2010) Arrivé afirma que os termos discurso e faculdade da linguagem são substitutos ou parentes do termo fala. O autor utiliza como *corpus* o terceiro e quarto capítulo do *Curso de Linguística Geral*, livro atribuído a Ferdinand de Saussure e organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye; *Escritos de Linguística Geral*, obra que contém os manuscritos do professor genebrino e foi organizado por Simon Bouquet e Rudolf Engler; e o *Premier et troisième cours d'après les notes de Riedlinger et Constantin*, organizado por Komatsu. É importante ressaltarmos que também em oposição a Simon Bouquet, o autor utiliza o *Curso de Linguística Geral* em seu *corpus* de pesquisa, pois para ele, o curso em sua edição padrão, foi o único texto de Saussure lido entre 1916 e 1957 (data da publicação do livro de Robert Godel sobre *As fontes manuscritas do Curso de linguística Geral*) e frequentemente até muito mais tarde. Foi, então, através desse texto que o pensamento de Saussure influenciou a evolução da linguística e das ciências humanas do século XX. Arrivé também defende que não se pode supor que apenas os escritos de Saussure restabelecem plenamente e exatamente sua teoria. O autor admite certos erros cometidos pelos redatores do curso como, por exemplo, a tentativa de concluir o livro com uma expressão que não partiu de Saussure, mas de suas próprias interpretações, vejamos a citação do curso: “[...] a Linguística tem por único e verdadeira objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”(SAUSSURE, 1996, p. 271) , mas compreende que teria sido muito difícil, com os meios de que eles se dispunham, fazer algo muito melhor que a obra em questão.

Em seu estudo, Arrivé inicialmente se detém ao problema do lugar atribuído por Saussure à fala. Essa questão apresenta dois rumores frequentemente anunciados por leitores e estudiosos da obra saussuriana. O primeiro rumor refere-se à afirmação de que Saussure havia eliminado do seu projeto teórico toda consideração da atividade do sujeito falante e do seu produto: fala, discurso ou qualquer outro nome que lhe seja dado. Citações dos *Escritos* (2002) confirmam a posição que o autor defende é que Saussure não excluiu do seu projeto a fala e o sujeito falante. O segundo rumor afirma que a teoria saussuriana estaria situada no campo retórico-hermenêutico, que seu funcionamento e estudo devem ser feito em si mesma e por ela mesma, posição defendida por Simon Bouquet. Arrivé afirma que a teoria criada por F. de Saussure é do campo lógico-gramatical. A fim de contestar ou afirmar esses dois rumores, Arrivé apresenta uma análise em três estatutos no *Curso de Linguística Geral*.

O primeiro estatuto explicado pelo autor é que não haveria necessidade de um capítulo no curso explicando a linguística da língua e a linguística da fala, pois língua e fala é um objeto só dentro da linguística saussuriana.

O segundo refere-se a uma comparação entre as relações associativas e relações sintagmáticas no qual, no *Curso de Linguística Geral*, as relações associativas se situam “fora do discurso”. Nesse sentido o discurso toma um sentido de “produto do ato da fala”. Muitas vezes ele é usado para designar o ato de fala propriamente dito. O terceiro estatuto abordado por Arrivé é a *faculdade da linguagem*, que é menos favorecido no curso. É na afirmação de Saussure que a língua é um produto social da faculdade da linguagem que se fundamenta a posição de Michel Arrivé que o termo fala apresenta três formas: fala, discurso e faculdade da linguagem. Em seguida, Arrivé analisa esses três estatutos nos *Escritos de linguística Geral* (1996) e nos cadernos dos alunos de Saussure Riedlinger e Constantin que foram organizados por Komatsu em um volume (1993).

Neste *corpus*, O termo fala é frequentemente empregado como sentido de “fonação” como também é utilizado com o sentido de “ato consciente e intencional de encadeamento de unidades em uma sequência efetivamente realizada” (ARRIVÉ, 2010, p. 120), ou seja, o sintagma. Nesse sentido a noção de fala permite a Saussure estabelecer não apenas o *ato de fala* como também o *exercício da fala*.

Arrivé chega à conclusão que discurso tem dois usos: o produto da atividade do sujeito falante; e o sentido de fala para designar essa mesma atividade, ou seja, “[u]m processo produtivo” (ARRIVÉ, 2010, p. 123).

Quando o autor analisa o termo faculdade de linguagem ele observa que na formulação autêntica do terceiro curso (1910-1911) a língua não está em oposição à fala, mas à faculdade de linguagem. Em outro ponto do *corpus*, nos *Escritos* (2002), Michel Arrivé observa que o termo fala parece substituir outro termo: a faculdade da linguagem. Nessa hesitação do professor genebrino Saussure, o autor compreende que o lado psicológico e mental do ato de fala será o que Benveniste entende por enunciação. Para Arrivé a faculdade da linguagem é mais extensiva que a *fala*, ela engloba os atos de fala para os quais a língua abre caminho, mas ela abarca ainda o processo de constituição da língua. A faculdade da linguagem é o mesmo “exercício” que gera a língua e possibilita a produção do discurso, ou seja, a fala. Nas palavras do autor: “Daí provem a intercambialidade, efetivamente observada em muitos casos, dos dois termos, fala e faculdade da linguagem”(ARRIVÉ, 2010, p. 127).

Veremos agora como os termos linguagem, língua e fala apontam para uma teoria do discurso que está implicitamente inscrita na reflexão saussuriana. Para tanto observamos os conceitos implicados na ideia de discurso, uma vez que este termo aparece raras vezes em nosso *corpus* de forma explícita. Os conceitos referidos anteriormente por Bouquet e por Arrivé são: faculdade da linguagem, linguagem, língua e fala. Tais conceitos surgem nas notas em diferentes acepções a depender do seu contexto de uso. Veremos adiante como esses conceitos compõem a teoria do discurso na reflexão saussuriana.

### 3. Linguagem, língua e fala: as partes do discurso

A partir da leitura e discussão no grupo de pesquisa *Descrição e análise crítica dos documentos saussurianos. Linguagem, língua e fala na reflexão de Saussure* PIBIC-CNPq, fizemos um levantamento das ocorrências das palavras linguagem, língua e fala na obra *Curso de Linguística Geral*(1916/1996); nas Notas Preparatórias para os cursos de Linguística geral (Acervo BPU 1996) e nos Antigos Documentos (Edição Engler 1968- 1977) publicados por Simon Bouquet e Rudolf Engler na obra *Escritos de Linguística Geral* (2002). Este levantamento constitui o nosso *corpus* de estudo e tem o

objetivo de delimitar o contexto de uso dessas palavras nos textos e por fim questionar a possibilidade de definir conceitos de modo sistêmico. No presente artigo, nos dedicamos ao trabalho de demarcar as relações que se estabelecem nos textos saussurianos dos termos linguagem, língua, fala (discurso e faculdade de linguagem) no *corpus* já citado, e determinar o valor de cada um dos termos em comparação sistêmica, constituindo-se uma pesquisa de natureza lexicológica.

Nas notas preparatórias do curso de linguística geral, Saussure afirma que a linguagem é redutível a cinco ou seis dualidades ou pares de coisas. O primeiro par diz respeito ao significante/significado; o segundo par indivíduo/massa; o terceiro língua/fala- vontade individual/passividade social. Ele não conclui essa nota expondo o restante das dualidades ou pares de coisas que a linguagem pode se reduzir, mas já podemos observar a linguagem como uma multiplicidade e que é composta de fatos heterogêneos que formam um conjunto inclassificável. Essa linguagem que pertence ao social e ao individual está no *Curso de Linguística Geral* (1996, p. 17):

Tomada em seu todo, a linguagem é uniforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo, física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

Saussure continua falando do termo fala. Para ele, o termo fala é tudo que é fonação; tudo que é combinação- tudo que é vontade. Lemos na mesma edição:

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apóiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas* (SAUSSURE, 1996, p. 142)

Aqui passamos a ter o conhecimento de que o sintagma é formado por combinações baseadas no caráter linear da língua compondo-se sempre de duas ou mais unidades consecutivas. Sendo tudo que é combinação está no plano da fala, fala e sintagma têm, portanto, o mesmo sentido, mas estamos ainda falando de um lado do discurso.

Sendo assim, entendemos que a linguagem pertence a uma dualidade e quando se trata de renovação linguística a fala também é composta de uma dualidade: o primeiro representa o lado fisiológico e físico da fala enquanto o segundo corresponde ao lado psicológico e mental do mesmo ato. Podemos observar essa afirmação nos Escritos:

[...]Pode-se dizer que uma ataca a forma pelo lado do som e a outra a ataca pelo lado da idéia; pode-se dizer, também, que uma representa operações puramente *mecânicas*, ou seja, em que não se pode descobrir nem objetivo nem intenção e, a outra, operações *inteligentes*, em que é possível descobrir um objetivo e um sentido. (SAUSSURE, 2002, p. 139).

O discurso sendo composto de uma dualidade, podemos dizer que já temos conhecimento de uma parte desse par, que é a fala/sintagma. A fala entendida como uma atividade mecânica, pois os termos psíquicos são próprios da língua. Vejamos:

Desfalcando a Linguagem de tudo o que não é *Fala*, o resto pode se chamar, propriamente, a língua e se compreende apenas termos psíquicos, o nó psíquico entre a idéia e o signo, o que não seria verdade no caso da fala. (SAUSSURE, 2002, p.288)

Desse modo, a fala abarca um lado psíquico, seria a enunciação que Arrivé compreendeu. O outro lado do discurso é composto pelas associações. As palavras que oferecem algo em comum se associam na memória e se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. Essas relações associativas, Saussure diz que estão situadas fora do discurso. Sua sede está no cérebro e elas fazem parte desse “tesouro interior” (SAUSSURE, 1996, p. 143) que constitui a língua de cada indivíduo. Essa parte está fora do discurso, mas dentro do sujeito, ou seja, dentro do ponto interno do discurso está a reflexão do sujeito (CUNHA, 2010). O professor genebrino Saussure nos diz que: “Associações da mesma ordem, mas mais amplas ainda, ligam todos os substantivos, todos os adjetivos etc., e fixam a noção nas partes do discurso”. (SAUSSURE, 1996, p. 161).

Dessa forma, entendemos que as operações inteligentes que compõe a dualidade presente no discurso são as relações associativas que estão no plano da língua. Língua, esta, entendida como um sistema livre que depende de princípios lógicos, e como uma ciência de relações abstratas, mas não são abstrações. As associações são realidades que tem sua sede no cérebro (SAUSSURE, 2002). Vejamos nas palavras do autor:

Eis a língua, desde já concebível ou viável; mas fora da realidade histórica. Como o signo linguístico, por natureza arbitrário, parece, à primeira vista, que nada impede que [ ] um sistema livre que só depende de princípios lógicos e, como uma ciência pura, de relações abstratas. (SAUSSURE, 2002, p. 288)

Assim, o discurso saussuriano abarca dois lados. A fala (sintagma) que exterioriza as combinações e é uma atividade psicofísica, sua parte puramente psíquica é a enunciação e sua parte física é fonológica; e a língua (associação) que é uma atividade psíquica, na qual suas relações estão situadas no cérebro. É o “tesouro interior” (SAUSSURE, 1996, p. 143) que está fora do discurso, mas dentro do sujeito falante. Destacando, portanto, que não há uma separação clara entre esses termos. Cada parte do discurso está inteiramente ligada à outra. Como já foi citada anteriormente, essa separação Saussure classificou como muito delicada. Para nós não há essa separação. Há dois lados que formam uma coisa só. Sem um não poderia jamais existir o outro. São as relações que existem entre essas duas partes que constituem e presidem o funcionamento do discurso na teoria saussuriana.

As partes que compõe o discurso são conceitos metafísicos de valor primitivo. Os conceitos de “língua”, “sentido” e “pensamento” são conceitos primitivos. O termo “metafísica” não aparece nos textos saussurianos, mas partindo do pressuposto que na concepção metafísica o universal e o geral são substâncias, essências ou pensamentos autônomos que têm sua própria existência (HARDY-VALLÉE, 2013, 25p.) os conceitos presentes na teoria do discurso têm fundamento na metafísica. Simon Bouquet também

aponta para a presença de uma base metafísica na teoria saussuriana (BOUQUET, 2004 p. 145-148), como já citado.

### Conclusão

O percurso de Saussure ao teorizar sobre língua e fala aponta para uma preocupação implícita com o discurso. O estudo que fizemos sobre a teoria saussuriana do discurso nos mostra a dualidade como mecanismo de funcionamento do sistema discursivo. As relações associativas e sintagmáticas são percebidas na sincronia e formam um par dialético dentro do discurso. Assim como a língua não se sustenta sem a fala para compor o objeto da ciência da linguagem, as relações associativas e sintagmáticas; discurso e enunciado; estão intimamente relacionados.

A partir de leituras realizadas das pesquisas de estudiosos renomados da teoria saussuriana, observamos uma aproximação de resultados com a nossa pesquisa. Simon Bouquet nos mostra que a depender do seu contexto de uso fala, discurso e sintagma possuem um mesmo sentido dentro da teoria saussuriana. Para Arrivé, fala e faculdade da linguagem são substitutos para o termo discurso. A enunciação aparece como o lado psicológico e mental da fala, ou seja, do discurso.

Para nós, a dualidade está presente na teoria discursiva saussuriana e não há um conceito puro de discurso, e sim, duas partes que compõem uma unidade. De um lado temos a fala que também é entendida como sintagma, exatamente como S. Bouquet defendeu. Dentro da fala temos outra dualidade: a fonação e o enunciado, este como o lado mental e psíquico da fala, assim como Arrivé explicitou. Em nossa pesquisa percebemos o outro lado do discurso. Observamos as relações associativas que também podemos chama-la de língua se considerarmos os contextos de uso em que esses dois termos aparecem. A língua e o eixo paradigmático como um “tesouro interior” (SAUSSURE, 1996, p. 143) que, como já foi exposto, estão fora do discurso, mas dentro do sujeito, portanto abarca também o coletivo, do ponto de vista que no coletivo contém os sujeitos falantes. Sendo assim, observamos que a reflexão de Ferdinand de Saussure aponta que na dualidade associação/ sintagma existe o sujeito falante. O sujeito, assim como a teoria do discurso, aparece na reflexão saussuriana de forma implícita, pois ao tomarmos os eixos sintagmáticos e paradigmáticos levamos em consideração que existe um sujeito falante para que esses fenômenos aconteçam. Caso contrário, a língua correria o risco de funcionar sozinha. Não acreditamos que o professor genebrino Saussure pensasse desse jeito.

Por fim, este trabalho é apenas uma etapa no sentido de produção de um referencial teórico do professor Ferdinand de Saussure acerca do discurso. Defendemos que a lógica das dualidades em sua reflexão e não às dicotomias como marcou as leituras do *Curso de Linguística Geral* ao longo de décadas. O inacabado e o implícito é parte constitutiva da teoria saussuriana, e a definição do lugar do discurso em Saussure participa dessa construção como parte do processo de criação de uma ciência da linguagem.

### Referências Bibliográficas

- ARRIVÈ, Michel.(2010) **Em busca de Ferdinand de Saussure**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola editorial,2010.
- ARRIVÈ, Michel.(1999) **Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente**: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

\_\_\_\_\_.(1994) **Linguística e psicanálise**. Trad. brasileira de Mário Laranjeira. São Paulo: EDUSP, 1994.

BASÍLIO, Raquel (2008). A relação significante e significado em Saussure. **ReVEL**. Ed especial n. 2, 2008.

BASÍLIO, Raquel.(2010). Saussure: Uma filosofia da Linguística?.**ReVEL**, vol 8, n.14,2010.

BOUQUET, Simon.(2004) **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. A atividade da linguagem: uma homenagem a Ferdinand de Saussure. IN: GUIMARÃES, A.M.M.; MACHADO, A.R.;COUTINHO, A (Orgs). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.

CUNHA, Raquel Basílio. **Língua e sujeito: um percurso entre Saussure e Lacan**. Tese de Doutorado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPB, 2010.

DE LEMOS, C.(1995) “Da morte de Saussure o que se comemora?”, **Revista Psicanálise e Universidade**, n° 3. São Paulo: PEPG – PUC, 1995.

DE MAURO, Tullio. Notas. In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale**. 4. ed. Paris: Payot, 1995.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo: o campo do signo**. Volume 1. Tradução de Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007.

FEHR, Johannes.(2000) **Saussure entre linguistique et sémiologie. Traduzido de alemão por Pierre Caussat**. Paris: Presse Universitaires de France, PUF, 2000.

FIORIN, José Luiz. (2013). O projeto semiológico. In: FIORIN, J.L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L.B. (Orgs). **Saussure: A invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

GODEL, Robert.(1969) **Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure**. 2a ed. Genebra: LibrairieDroz S. A, 1969.

KOMATSU, Eisuke; HARRIS, Roy (Eds.).(1993) **Troisième Cours de linguistique generale (1910-1911) d’après les cahiers d’Emile Constantin**. Oxford: Pergamon Press, 1993.

KYHENG, R. Principes méthologiques de constitutivo net d’exploitation du corpus saussurien. **Revue-Texte**. Disponível em <<http://www.revue-texto.net/Saussure/Saussure.html>>Acesso em: 06 de março de 2013.

\_\_\_\_\_. LE LANGAGE : FACULTÉ, OU GÉNÉRALISATION DES LANGUES ? ENQUÊTE SAUSSURIENNE. **Revue-Texte**. Disponível em <<http://www.revue-texto.net/Saussure/Saussure.html>>Acesso em: 22 de maio de 2013.

LIMA, Hozanete.(2013). O curso de linguística geral e os manuscritos saussurianos: onde exoriar?. In: FIORIN, J.L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L.B. (Orgs). **Saussure: A invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

LOPES, Edward. A interpretação da obra de Ferdinand de Saussure. In: **A identidade e a diferença**. São Paulo: Edusp, 1997.

NÓBREGA, Mônica.(2002a) “Lacan e a linguística saussuriana: um tiro que errou o alvo, mas acertou na mosca?”. In: SCHÄFFER, FLORES e BARBISAN (Orgs.). **Aventuras do sentido: psicanálise e linguística**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.225-246.

- \_\_\_\_\_. (2002b) **O mesmo e o outro:** a constituição dos sentidos na articulação entre linguística e psicanálise. 2002. Tese (tese de doutorado inédita) - PUC-RS. Porto Alegre. 2002.
- NÓBREGA, M.; BASÍLIO, R. (2013). A contribuição de Ferdinand de Saussure para a compreensão do signo linguístico. In: FIORIN, J.L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L.B. (Orgs). **Saussure: A invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.
- NORMAND, Claudine. (2000) **Saussure**. Paris: LesBellesLettres, 2000.
- \_\_\_\_\_. (2009). **Convite à linguística**. São Paulo : Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. (2010). **Petite grammaire du quotidien:Paradoxe de la langue ordinaire**. Paris: Hermann Psychanalyse, 2010.
- SAUSSURE, Ferdinand.[1916]. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Bras. Antônio Chelini et al. 25ªEd. São Paulo: Cultrix, 1996.
- \_\_\_\_\_. (2002) **Escritos de Linguística Geral**. Trad. Bras. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. Organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolfo Engler. São Paulo: Cultrix, 2002.
- \_\_\_\_\_. (1879/1879) **Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européenes**. Leipzig: B. G. Teubner.
- SILVEIRA, Eliane. (2013). O lugar do conceito de fala na produção de Saussure. In: FIORIN, J.L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L.B. (Orgs). **Saussure: A invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.
- STAROBINSKI, J. (1974) **As palavras sob as palavras**. Trad. De Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- HARDY-VALLÉE, Benoit (2013) **Que é um conceito?** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2013.